

**UNIVERSIDADE FEDERAL DE VIÇOSA
CENTRO DE CIÊNCIAS HUMANAS E ARTES
DEPARTAMENTO DE ARTES E HUMANIDADES
BACHAREL EM GEOGRAFIA**

UM OLHAR SOBRE O SAGRADO QUE SE CONSTRÓI

**O TERRITÓRIO E A TERRITORIALIDADE DA IGREJA PRESBITERIANA DE VIÇOSA
– IPV (MG)**

Monografia apresentada a disciplina
GEO481 – Monografia e Seminário do
curso de Bacharelado em Geografia, como
exigência parcial para aprovação.

Autor: Juliana Gonçalves Moreira - 45270

Orientador: prof. Ulysses da Cunha Baggio

**VIÇOSA
MARÇO DE 2007**

*Dedico este trabalho aos meus
queridos patrocinadores de sonhos..
meus amados pais!*

Agradecimentos

Agradeço ao *Senhor* do meu coração, pelas primeiras e constantes lições sobre os espaços da minha vida.

À Universidade Federal de Viçosa por ser o “território” de meus ensinamentos.

Aos meus mestres, que durante cinco anos caminharam junto comigo, mostrando novos olhares e novas percepções. Em especial ao Léo, que me “contaminou” com sua fascinação sobre os fenômenos culturais vistos a partir de um olhar geográfico. De mesmo modo, ao meu orientador Ulysses que cumpriu seu papel de maneira brilhante, orientando minhas idéias, minhas palavras e me ensinando o valor da disciplina no trabalho de pesquisa.

Aos meus apoiadores incondicionais, meus amados pais, por acreditarem em mim, me amarem como sou e lutarem sempre para que eu seja melhor. Vocês foram e são os maiores apoiadores de minha vida e sonhos, foram moldadores e firmadores de meu caráter, me ensinaram lições que não aprenderia em nenhuma escola. Ofertaram seus valores, costumes, qualidades, atitudes e também a sabedoria de que preciso questionar tudo isso, e ao final decidir se as aceito ou não.

À minha irmã Gizelle e ao meu cunhado Rodrigo, por compartilharem comigo seus filhos. Cada dia perto deles aumenta minha vontade de viver, para vê-los crescer e sorrir. Também pelo apoio e muitos conselhos.

Ao meu irmão Vinícius, por me ensinar que existem muitas formas de amar e que a distância não desfaz laços de amor.

À minha irmã Ana Luíza, pelas muitas vezes que sorriu comigo. Se houvesse outra chance, te escolheria novamente como irmã.

Aos meus sobrinhos Emanuela e Bernardo, por me fazerem a tia mais feliz do mundo.

Ao meu noivo Renato, o querido homem do meu coração. Que esteve tão presente nos dias de elaboração deste trabalho, me doando ajuda, conselhos, atenção e carinho. E por me pedir em casamento, fazendo-me uma mulher ainda mais feliz e honrada por estar ao seu lado.

Ao meu Pastor Jony e sua esposa Lênia pelo companheirismo e por dispor para consulta os documentos da Igreja Presbiteriana de Viçosa

Ao Reverendo Elben Magalhães Lenz César e sua família, por idealizar e conduzir a construção desse “território do sagrado”.

Aos amigos da Igreja Presbiteriana de Viçosa, que num primeiro momento, acolheram meu olhar assustado diante da nova cidade, e num segundo, aceitaram a condição de tornarem-se o grupo central de análise desta pesquisa.

Aos meus queridos amigos Istéffany, Charlles e Adriano, por tornarem os meus anos de graduação inesquecíveis.

Às irmãs de república: Camila, Juliana e Valquíria por transformarem meu estar em Viçosa um tempo de diversão e aprendizado. E a querida Simone, pela ajuda que foi de extrema importância no momento de finalização deste trabalho.

À colega de turma Eliana, por conduzir a elaboração dos mapas que ilustraram minha pesquisa.

Sumário

Lista de Tabelas	vi
Lista de Figuras	vii
Resumo	ix
1 Introdução	10
1.1 Procedimentos metodológicos	15
2 A Igreja Presbiteriana em perspectiva histórica: surgimento e expansão	18
2.1 Esclarecimentos sobre a Igreja Presbiteriana do Brasil.....	18
2.2 Os primórdios do presbiterianismo.....	18
2.3 Um breve relato sobre o presbiterianismo no Brasil.....	20
3 Composição de um território do sagrado e construção de uma história – a Igreja Presbiteriana em Viçosa	24
4 A transposição do espaço sagrado.....	44
5 Uma identidade que se forma a partir da diversidade.....	50
6 Considerações finais.....	59
Bibliografia e outras fontes.....	61
Apêndice A	68
Apêndice B	70
Apêndice C	72

Lista de Tabelas

Tabela 5.1: Percentuais das cidades de origem das pessoas que freqüentam a Igreja Presbiteriana de Viçosa.....	52
Tabela 5.2: Percentuais individuais dos estados de origem das pessoas que freqüentam a Igreja Presbiteriana de Viçosa.....	53
Tabela 5.3: Instituições que as pessoas freqüentavam antes de participarem da Igreja Presbiteriana de Viçosa.....	54
Tabela 5.4: Relação de membros e não membros atuantes nos ministérios da IPV	55

Lista de Figuras

Figura 2.1: Esquema da hierarquia da igreja presbiteriana do Brasil.....	22
Figura 3.1: Localização do município de Viçosa no estado de Minas Gerais e delimitação da área urbana da cidade.....	24
Figura 3.2: Panorama da cidade de Viçosa na década de 1970.....	25
Figura 3.3: Os jovens pioneiros	26
Figura 3.4: Salão Alugado na Rua Benjamim Araújo.....	27
Figura 3.5: Grupo atuante no início da organização da igreja presbiteriana em Viçosa	28
Figura 3.6: Pastor Elben César e família em 1960, ano em que chegam a Viçosa.....	29
Figura 3.7: Início da construção do primeiro templo.....	30
Figura 3.8: Término da construção do primeiro templo.....	30
Figura 3.9: Inauguração do primeiro templo, em outubro de 1960.....	30
Figura 3.10: Organização da congregação em igreja em agosto de 1965.....	31
Figura 3.11: Terreno comprado na Avenida P.H. Rolfs para construção do 2º templo.....	33
Figura 3.12: Terreno comprado na Avenida P.H. Rolfs para construção do 2º templo.....	33
Figura 3.13: Início das obras de construção do 2º.....	33
Figura 3.14: Multirão para construção do 2º templo.....	34
Figura 3.15: Inauguração do novo templo.....	35
Figura 3.16: Inauguração do novo templo – foto convite.....	35
Figura 3.17: Desfile das crianças atendidas pela Rebusca nas comemorações do aniversário da cidade de Viçosa	36
Figura 3.18: Pavilhão de aulas do Centro Evangélico de Missões – CEM	37
Figura 3.19: Igreja Presbiteriana do Vale do Sol	38
Figura 3.20: Equipe da 2ª viagem do Projeto “Água Viva”	39
Figura 3.21: Comunidade Presbiteriana de Viçosa – CPV.....	40
Figura 3.22: Igreja Presbiteriana de Viçosa nos dias atuais.....	41
Figura 3.23: Localização das instituições que compõe o Território da Igreja Presbiteriana de Viçosa-MG	43
Figura 5.1: Origem das pessoas que freqüentam a IPV.....	53
Figura 5.2: Escolaridade das pessoas que freqüentam a IPV.....	57
Figura C.1: Início das obras de construção do 2º templo.....	73
Figura C.2: Início das obras de construção do 2º templo.....	73

Figura C.3: Andamento das obras de construção do 2º templo	74
Figura C.4: Andamento das obras de construção do 2º templo	74
Figura C.5: Andamento das obras de construção do 2º templo	75
Figura C.6: Mão-de-obra trabalhando nas obras de construção do 2º templo	75
Figura C.7: Estudantes do Coluni-UFV trabalhando nas obras de construção do 2º templo	76
Figura C.8: Estudantes da UFV e filhos do reverendo Elben César trabalhando nas obras de construção do 2º templo	76
Figura C.9: Filha do reverendo Elben César trabalhando nas obras de construção do 2º templo	77
Figura C.10: Reverendo Elben César e um estudante da UFV em um momento de descontração no trabalho de construção do 2º templo	77
Figura C.11: Estudante da UFV trabalhando nas obras de construção do 2º templo.....	78
Figura C.12: Ocupação do novo templo, ministrando a palavra o reverendo Elben César....	78
Figura C.13: Ocupação do novo templo.....	79
Figura C.14: Andamento das obras de ampliação do templo da Igreja Presbiteriana de Viçosa-IPV	79
Figura C.15: Projeto “Água Viva” - trabalho de recreação infantil.....	80
Figura C.16: Projeto “Água Viva” - trabalho de recreação infantil.....	80
Figura C.17: Projeto “Água Viva” - trabalho de medição de pressão.....	81
Figura C.18: Projeto “Água Viva” – corte de cabelo.....	81
Figura C.19: Prédios sede de repúblicas formadas por participantes da comunidade da Igreja Presbiteriana de Viçosa, na Avenida P.H. Rolfs	82
Figura C.20: Prédios sede de repúblicas formadas por participantes da comunidade da Igreja Presbiteriana de Viçosa, na Rua José Valetino da Cruz	82

Resumo

Este trabalho se propõe a fazer um exercício de identificação dos espaços assimilados pela comunidade que compõe a Igreja Presbiteriana de Viçosa - IPV e ressalta a relevância analítica sobre esses territórios, que a exemplo daquele, são constituídos pelo sagrado e integram-se na trama urbana. Este “território do sagrado” se apresenta de maneira difusa e incorporada ao espaço urbano, ao mesmo tempo em que pode ser identificado e diferenciado devido à intensidade que são efetivadas suas relações territoriais e as apropriações espaciais que ocorrem por meio das instituições que o compõe.

A comunidade da Igreja Presbiteriana de Viçosa - IPV revelou-se notavelmente particular entre os grupos embasados na protestante, essa qualificação é atribuída a fatores específicos como sua localização e formação histórica. A IPV se encontra numa cidade universitária, contexto que propicia a convivência e o diálogo entre diferentes culturas e formas de pensar. No trabalho de campo foi observado que esse contato e tolerância com o diferente se transferem ao universo das relações sociais ocorridas dentro da instituição e nas relações intermediadas por ela. Dentre outras, essa característica está relacionada diretamente à sua formação histórica, pois o grupo teve início com alguns estudantes cristãos de diferentes lugares do país, que chegaram para estudar na cidade e, aos poucos, foram se reconhecendo e se constituindo como grupo, trazendo em sua bagagem não apenas suas diversidades regionais, mas também a origem de diferentes denominações religiosas. Portanto, a diversidade que constitui uma unicidade é a característica principal da identidade desta comunidade. Foram percebidos e apontados outros fatores que influenciam na manutenção desse conjunto de diversidades.

O trabalho de observação em campo nos possibilitou apreender outro aspecto a respeito das práticas da comunidade, isto é, a forma como o “espaço sagrado” se manifesta na vida dos participantes da comunidade da IPV. Para tanto, foi de fundamental importância o diálogo com obras de autores como Max Weber e Zeny Rosendahl.

Capítulo 1

Introdução

A cidade pode ser vista de diversas maneiras, sendo fundamental para esse olhar, a escolha do tipo de análise e a priorização de uma rede de relações, seja ela econômica, política ou cultural. Entretanto, esta pesquisa se propõe a uma outra leitura, que consiste em compreender a cidade por meio de um prisma cultural, mais especificamente apreender o espaço urbano a partir das relações religiosas, reconhecendo o sagrado como um elemento deste modelação do espaço (ROSENDAHL, 2002).

Neste sentido, o sagrado integra a totalidade urbana e estabelece com a mesma uma relação dialética, pois a cidade também vai interferir no andamento das relações religiosas. Desde modo, este trabalho propõe a feitura de considerações sobre as relações que se espacializam no tecido urbano por meio de uma matriz religiosa, especificamente de uma comunidade religiosa, composta pelos membros da Igreja Presbiteriana de Viçosa - IPV (MG). Foi identificado o território formado pelas instituições e práticas pertencentes a esse grupo, em outras palavras, os espaços apropriados e assimilados pelo sagrado, o que nos leva a avaliar as relações simbólicas e afetivas deste grupo com os seus lugares de vivência.

Esta proposta é complementada pela teorização da noção de *espaço sagrado* e a compreensão de sua manifestação para essa comunidade. De mesmo modo, soma-se uma outra abordagem, acerca da identidade formada a partir deste grupo, analisando sua construção e características. As discussões sobre a formação e constituição da identidade da comunidade presbiteriana e a apreensão da manifestação de espaço sagrado para esse grupo, acrescem o debate a respeito do processo de constituição de territorialidades desta comunidade, possibilitando a compreensão de sua dinâmica sócio-espacial.

A argumentação conceitual de algumas noções e conceitos abordados nesta pesquisa são de extrema importância para sua validação e fundamentação. Deste modo, o território pode ser definido por muitas vertentes de análise pelos geógrafos, ora sendo um espaço delimitado por relações de poder - o território jurídico-político -, ora visto como um espaço configurado pelas redes econômicas – o território econômico. No entanto, a presente pesquisa privilegia uma outra vertente, a cultural, na qual é priorizada uma dimensão simbólico-cultural do território, mais subjetiva, que o analisa “[...] como o produto de

apropriação/valorização simbólica de um grupo em relação ao seu espaço vivido” (HAESBAERT, 2006, p.40).

Torna-se necessário esclarecer que essas separações em vertentes de análises sobre o território, são para fins didáticos, pois o mesmo se compõe de todos esses elementos: econômico, político e cultural, os quais constituem relações complexas na conformação do espaço urbano. O que estabelecemos foi à priorização de um tipo de análise, vendo o território como “[...] um espaço apropriado simbolicamente, com a formação de uma identidade cultural/territorial” (HAESBAERT, 1997, p.32).

Então o território é considerado por uma perspectiva que destaca um tipo de apropriação com significações simbólicas na relação com o espaço, e essas significações conferem um caráter identitário ao território. Essa apropriação se dá por meio da atribuição de significados ao espaço, no sentido de legitimação e formação de identidades territoriais. Deste modo, a definição apresentada de território, se diferencia de uma abordagem que o analisa somente pela dominação ou “controle politicamente estruturado”, em geral estando o território associado à concepção de Estado-Nação (HAESBAERT, 1997, p.41).

Nestas considerações sobre o território, a categoria de análise espaço é caracterizada como funcional ou como “[...] *substrato material* das territorialidades [...]” (SOUZA, 1995, p. 87). Ainda sobre essa categoria de análise, Raffestin (1993 *apud* SOUZA, 1995) ressalta que o espaço é anterior ao território, sendo um substrato referencial sobre o qual as relações de poder se espacializam para a composição daquele.

Espaço e território são então diferenciados, e de acordo com Guattari (1985 *apud* HAESBAERT, 1997) o espaço estaria mais propriamente ligado às relações funcionais e o território às relações subjetivas/afetivas. Haesbaert (1997, p.36) aponta que alguns geógrafos ressaltam para o território uma “identidade espacial, produto de uma apropriação simbólica do espaço” e, a partir de então, o território é também visto como “lugar”. O lugar é primeiramente dotado de subjetividade e passa a existir quando há uma relação afetiva entre a pessoa e seu meio. Essa relação pode ser denominada por *topofilia*, expressão cunhada por Bachelard (1988 *apud* HAESBAERT, 1997, p.36) e que, segundo ele, significa “[...] o valor humano dos espaços de posse, espaços proibidos a forças adversas, espaços amados”. Ainda numa discussão entre as definições e diferenciações entre espaço e lugar, Tuan (1982 *apud* HAESBAERT, 1997, p.36) se posiciona da seguinte maneira:

‘Espaço’ é mais abstrato do que ‘lugar’. [...] A partir da segurança e estabilidade do lugar estamos cientes da amplidão, da liberdade e da ameaça do espaço, e vice-versa. Além disso, se pensarmos no espaço como algo que permite movimento, então lugar é pausa: cada pausa no movimento torna possível que localização se transforme em lugar.

Souza assinala a complexidade do território social e a necessidade do reconhecimento da comunidade que o compõe pelos “de fora”, ou seja, a ocorrência da experiência da alteridade¹, para a afirmação deste e de sua territorialidade. Segundo o autor:

[...] o território será um *campo de forças*, uma *teia* ou *rede de relações sociais* que, a par de sua complexidade interna, define, ao mesmo tempo, *um limite*, uma *alteridade*: a diferença entre “nós” (o grupo, os membros da coletividade ou ‘comunidade’, os *insiders*) e os ‘outros’ (os de fora, os estranhos, os *outsiders* [grifo do autor]. (SOUZA, 1995, p.86)

Então, a definição de território envolve os referenciais qualitativos, ou seja, uma qualificação simbólica eminentemente diferenciadora, priorizando o caráter cultural-simbólico do mesmo. Diante disto é necessário esclarecer o que é compreendido por representação simbólica, e isso implica em uma compreensão prévia acerca do significado de “símbolo”. Paul Ricoeur (1978 *apud* HAESBAERT, 1997) apresenta o símbolo como “uma estrutura de significação,” com um sentido direto, natural ou literal, que acrescido de outro indireto, torna-se uma figuração ou uma metáfora, sendo que este último somente pode ser entendido por meio do primeiro. Haesbaert (1997) aponta como compreensão da representação simbólica, o processo de substituição ou deslocamento do significado, ou seja, o transporte mental de um significado metafórico para um objeto ou espaço, devido a associações entre subjetividade e afetividade.

São de extrema importância para a apreensão desse território religioso a identificação e a compreensão das práticas empreendidas para compô-lo e modificá-lo, isto é, a territorialidade da igreja.

Segundo Bonnemaison (1981), a territorialidade é compreendida pelas relações sociais e culturais que a comunidade sustenta com os lugares e itinerários que constituem o território.

¹ A experiência da alteridade (e a elaboração dessa experiência) leva-nos a ver aquilo que nem teríamos conseguido imaginar, dada a nossa dificuldade em fixar nossa atenção no que nos é habitual, familiar, cotidiano, e que consideramos “evidente”. Aos poucos, notamos que o menor dos nossos comportamentos (gestos, mímicas, posturas, reações afetivas) não tem realmente nada de “natural”. Começamos, então, a nos surpreender com aquilo que diz respeito a nós mesmos, a nos espiar. O conhecimento (antropológico) da nossa cultura passa inevitavelmente pelo conhecimento das outras culturas; e devemos especialmente reconhecer que somos uma cultura possível entre tantas outras, mas não a única (LAPLANTINE, François. *Alteridade*, 2000. Disponível em: <<http://pt.wikipedia.org/wiki/Alteridade>>. Acesso em: 28 dez. 2006.

O autor ressalta que a territorialidade tanto de um grupo como de um indivíduo não deve ser reduzida ao seu “sistema territorial”, mas é, do mesmo modo que esse, uma “expressão de comportamento vivido”, englobando simultaneamente a relação com o território e, a partir dela: “[...] a relação com o espaço ‘estrangeiro’. Ela inclui aquilo que fixa o homem aos lugares que são seus e aquilo que o impele para fora do território, lá onde começa ‘o espaço’” (BONNEMAISON, 1981 *apud* CORRÊA, 2002, p.107).

O geógrafo Raffestin (1988 *apud* HAESBAERT, 1997, p.32) analisa esse processo da territorialidade humana como sendo u dos laços estabelecidos com o território, e que pode ser definido “[...] como ‘o conjunto de relações que desenvolve uma coletividade – e, portanto, um indivíduo que a ela pertence – com a exterioridade² e/ou a alteridade por meio de mediadores ou instrumentos’”. Deste modo, a territorialidade é constituída a partir do coletivo e do reconhecimento do sentimento de pertencimento do indivíduo ao grupo que torna possível sua identificação territorial.

A realização desta discussão pretende contribuir para os estudos geográficos, que valorizam a análise do sagrado como mais uma possibilidade de compreensão da cidade e do urbano. Acreditando que a religião é um fenômeno cultural, com implicações sócio-espaciais evidentes, torna-se, desse modo, um tema de interesse imediato aos estudos geográficos, constituindo-se em uma importante vertente para entender o espaço urbano em seu complexo entrelaçado de símbolos e subjetividade.

Rosendahl (2002) chama atenção para essa “geografia da religião” e frisa a importância deste tipo de estudo devido à interação espacial entre esse fragmento de cultura e seu “ambiente terrestre”. A autora menciona a preocupação de Paul Claval a respeito da temática da religião para a geografia. Paul Claval (1992 *apud* ROSENDAHL, 2002, p.17) assinala que caberia: [...] aos geógrafos da religião a tarefa de explorar o universo das representações mentais, bem como compreender como essas representações se inserem na paisagem e na organização do espaço.

A percepção de uma resistência ao tema da religião nas análises geográficas instigou Rosendahl (2002) a uma leitura sobre as razões para essa “relativa negligência”. Sua argumentação percorre por três grandes “matrizes do pensamento geográfico”.

²A exterioridade é tudo o que diz respeito ao conjunto de relações que o ser humano entretém com o universo, com a natureza, com a sociedade, com os outros e com sua própria realidade concreta em termos de cuidado com o ar que respira, com os alimentos que consome/comunga, com a água que bebe, com a roupas que veste e com as energias que vitalizam sua corporeidade (BOFF, Leonardo. *Espiritualidade, dimensão esquecida e necessária*. Cuidar do ser. Disponível em: <<http://www.cuidardoser.com.br/espiritualidade-dimensao-esquecida-e-necessaria.htm>>. Acessado em: 28/12/06).

A primeira matriz refere-se à “influência positivista na geografia”. Acerca disso, a autora relata a impossibilidade do empirismo lógico em tratar assuntos referentes à intuição e valores humanos, pois estes aspectos não eram considerados científicos. A religião volta-se essencialmente para os sentimentos que transcendem a fé na existência de um Deus ou de deuses, constituindo-se, desse modo, uma questão metafísica. Como essas experiências não podem ser mensuradas e nem demonstradas logicamente, ficavam excluídas do horizonte de interesse do pensamento positivista e das produções científicas.

A segunda matriz é a da geografia crítica, para a qual a temática da religião não comparava como um assunto de interesse maior, uma vez que o foco das análises geográficas centrava-se nos processos relativos à produção e à estrutura do espaço no capitalismo, e da forma contraditória como esta se dava. A grande influência da reflexão teórica marxista levou os geógrafos a negligenciarem as questões religiosas de seus estudos, pois a religião era tratada como um fator de alienação, que contribuía para a manutenção de um estado de ignorância das classes populares e desinteresse pela política.

A matriz humanista, por sua vez, representa uma mudança na abordagem, dando relevo ao homem e seus significados, valores, objetivos e propósitos. Assim, Rosendahl (2002) expõe “a importância da geografia humanista” para o início da formulação de estudos sobre religião na geografia, em suas palavras:

[...] os geógrafos da religião ganham ânimo em penetrar em esferas potencialmente férteis, embora ainda não conquistadas, principalmente no Brasil, de compreender o sentido que a religião dá à razão humana, bem como a vivência e a prática religiosa como caracterizadoras dos espaços geográficos” (ROSENDAHL, 2002, p.24).

Após este momento, a geografia volta-se também ao tratamento da religião e do universo relacional que ela encerra como elementos que compõem os processos de formação e apropriação dos territórios urbanos, reconhecendo-se o homem como um ser dotado de valores e subjetividade, aspectos que adquirem relevância nas análises espaciais. Portanto, o território passa a ser também entendido como um valor simbólico e cultural.

O trabalho é apresentado da seguinte maneira: O Capítulo 2: “A Igreja Presbiteriana em perspectiva histórica: surgimento e expansão” traça breves esclarecimentos sobre as características da igreja presbiteriana, sua origem, expansão e implantação no Brasil. O Capítulo 3: “Composição de um território do sagrado e construção de uma história – a Igreja Presbiteriana em Viçosa”, voltado à reconstrução histórica da Igreja Presbiteriana na cidade de Viçosa, apontando ao longo da narrativa, as expressões territoriais da comunidade que

compõe essa instituição religiosa. O Capítulo 4: “A transposição do espaço sagrado”, baseado principalmente no trabalho de observação em campo e no diálogo com obras de autores como Max Weber e Zeny Rosendahl, é exposto a forma como o “espaço sagrado” se manifesta na vida dos membros da comunidade presbiteriana de Viçosa. O Capítulo 5 “Uma identidade que se forma a partir da diversidade”, apresenta as particularidades que caracterizam a identidade da comunidade presbiteriana, demonstrando por meio das observações e de um trabalho de coleta de dados, os caminhos que formaram essa unicidade identitária a partir das diversidades denominacionais e regionais. O Capítulo 6: As “considerações finais” reafirmam a importância do elemento religioso na modificação da cidade e ressalta as particularidades da comunidade que compõe a Igreja Presbiteriana de Viçosa, sendo, por isso, foco desta pesquisa. Os Apêndices A e B que contêm dois modelos de questionários, o primeiro, como já dito, com esclarecimentos sobre as informações a serem obtidas em cada questão, e o segundo, o modelo aplicado. Finalmente no Apêndice C, encontram-se diversas fotografias de momentos especiais da história da comunidade presbiteriana e das intuições que compõe o território da Igreja Presbiteriana de Viçosa - IPV. Algumas fotos foram tiradas por Renato Afonso Cota Silva e Juliana Gonçalves Moreira, entretanto, a maior parte foi extraída dos arquivos particulares da IPV.

1.1 Procedimentos Metodológicos

Para a realização deste trabalho nos valem de um amplo levantamento bibliográfico, tendo em vista a fundamentação teórica da pesquisa, que envolveu, ao longo de seu desenvolvimento, a mobilização de algumas noções e conceitos importantes aos seus propósitos; tais como: território, espaço, territorialidade, apropriação, representação simbólica, lugar, identidade, o sentido de sagrado, de religião e de espaço sagrado.

A escolha por uma investigação dos dados e informações por da técnica da observação participante foi de extrema importância para o caráter textual dessa pesquisa. Esta técnica encoraja os pesquisados a mergulharem no contexto sociocultural da comunidade em foco numa tentativa de compreendê-la. Para tanto, propõe um afastamento da “[...] noção de “neutralidade” que os manuais positivistas propunham como condição da ciência” (CARDOSO, 1997, p.104).

A observação participante não é invasão do subjetivismo ao campo da reflexão racional, mas o estabelecimento de uma relação intersubjetiva entre o pesquisador e seu informante (CARDOSO, 1997, p.101-102). Fazendo parte do trabalho de observação, o pesquisador tem a possibilidade de eliminar os preconceitos que poderiam “contaminar” seu trabalho na análise do mundo de símbolos e valores do outro. Sendo assim, para entender a realidade social é preciso experimentá-la e desnudar-se dos preconceitos relativos à diferença e a diversidade, lançado mão dessa ferramenta das ciências sociais, a observação participante.

MAY (2004) expõe a relevância desse tipo de observação na pesquisa qualitativa³, ressaltando que “[...] as pessoas agem e dão sentido ao seu mundo se apropriando de significados a partir do seu ambiente [...]”. Por isso é de extrema importância a vivência do pesquisador no ambiente do grupo a ser compreendido e uma postura de tornar se parte dele, sendo esses aspectos essenciais a uma real apreensão da produção cultural e dos aspectos simbólicos gerados pela apropriação social (MAY, 2004, p.176). Entretanto, Cardoso (1997) enfatiza que essa forma de conhecimento do outro deve ser sempre complementada pela observação⁴ dos comportamentos e de sua utilização. Por isso, a observação participante foi aliada a outra técnica qualitativa de coleta de dados, sendo esta a elaboração de etnografias⁵.

³ “Nestas investigações, o pesquisador é o mediador entre a análise e a produção da informação, não apenas como transmissor, porque não são fases sucessivas, mas como elo necessário” (CARDOSO, 1997, p.101)

⁴ “Observar é contar, descrever e situar os fatos únicos e os cotidianos, construindo cadeias de significados” (CARDOSO; 1997, p.103).

Estas técnicas de coleta de dados foram utilizadas durante meses de trabalho de campo, produzindo informações que embasaram esta análise, atribuindo maior aproximação entre a pesquisa e à realidade social da comunidade em estudo.

Além disso, foi elaborado um roteiro para o questionário aplicado aos membros da Igreja, no intuito de apreender mais informações (através das questões fechadas) e a percepção do grupo a respeito da formação identitária da comunidade que compõem (através das questões abertas). Dois modelos são apresentados nos apêndices A e B deste trabalho. O primeiro foi formulado com comentários contendo os propósitos que procuramos alcançar em cada pergunta, já o segundo, é a versão que foi respondida pelo público.

A captação do contexto histórico e territorial da comunidade também se deu por meio de registros fotográficos, elaboração de mapas de localização e identificação das instituições do grupo. Entre esses, estão o mapa de localização do município de Viçosa no estado de Minas Gerais e delimitação da área urbana da cidade e um mapa localizando as instituições que compõe o território da Igreja Presbiteriana de Viçosa.

Para uma maior compreensão do contexto histórico, em parte gerador da identidade do grupo, recorreremos a uma breve caracterização da religião presbiteriana, sua origem e implantação no Brasil. Além de um resgate da história da formação e consolidação da Igreja Presbiteriana de Viçosa - IPV, recorrendo a fontes secundárias, pois a igreja produziu um estudo histórico e interpretações de seus documentos originais, e a fontes primárias, para uma averiguação desses documentos originais, garantindo a veracidade dos arquivos da igreja. Em paralelo com essa reconstrução histórica foi traçada as manifestações territoriais da comunidade da IPV, atendo assim, de maneira especial, à construção do território religioso formado por essa instituição e suas territorialidades. De grande relevância para este momento da pesquisa foram as entrevistas eletrônicas dos pioneiros da igreja já existentes nos arquivos históricos da mesma.

⁵ A etnografia, com sua forma de descrever densamente sociedades a partir de uma experiência empírica direta – o trabalho de campo – é um meio que pode ser eficaz como instrumento de sensibilização dos atores inscritos no processo educativo e que possibilita algo que se pode chamar de “reconhecimento” do outro como portador de uma cultura tão respeitável como qualquer outra e nesse sentido, produzir um diálogo respeitoso entre os atores participantes do processo (BARCELLOS, Daisy Macedo de. Etnografia, educação e relações raciais. PPGAS/UFRGS. Disponível em: <http://www.acaoeducativa.org.br/downloads/o7etnografia.pdf>. Acesso em: 29 jan. 2007.

Capítulo 2

A igreja presbiteriana em perspectiva histórica: surgimento e expansão

2.1 Esclarecimentos sobre a Igreja Presbiteriana do Brasil

A Igreja Presbiteriana do Brasil é uma federação de igrejas que têm em comum uma história, uma forma de governo, uma teologia, bem como um padrão de culto e de vida comunitária. Historicamente, a IPB pertence à família das igrejas reformadas ao redor do mundo, tendo surgido no Brasil em 1859, como fruto do trabalho missionário da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos. Suas origens mais remotas encontram-se nas reformas protestantes suíça e escocesa, no século 16, lideradas por personagens como Ulrico Zuínglio, João Calvino e João Knox. O nome 'igreja presbiteriana' vem da maneira como a igreja é administrada, ou seja, através de 'presbíteros' eleitos democraticamente pelas comunidades locais. Essas comunidades são governadas por um 'conselho' de presbíteros e estes oficiais também integram os concílios superiores da igreja, que são os presbitérios, os sínodos e o Supremo Concílio. Os presbíteros são de dois tipos: regentes (que governam) e docentes (que ensinam); estes últimos são os pastores. Atualmente, a Igreja Presbiteriana do Brasil tem aproximadamente 3.840 igrejas locais, 228 presbitérios, 55 sínodos, 2.660 pastores, 370.500 membros comungantes e 133.000 membros não-comungantes (menores), estando presente em todos os estados da federação. [...]. Quanto à sua teologia, as igrejas presbiterianas são herdeiras do pensamento do reformador João Calvino (1509-1564) [...] (MATTOS, 2006)⁶

2.2 Os primórdios do presbiterianismo

Para relatar os primórdios do presbiterianismo, faz-se necessário lançar mão do histórico da Reforma Protestante, ocorrida no século XVI na Alemanha e liderada por Martinho Lutero (1483-1546). Lutero era um monge alemão que em meados de 1517, por meio de suas *95 Teses*, questionou as práticas do catolicismo medieval com o intuito de iniciar uma reforma dentro da própria Igreja Católica Romana. No entanto, a rigorosa resistência da hierarquia cristã em aceitar os apontamentos⁷ de Lutero culminou com a divisão da Igreja Romana e o surgimento da Igreja Luterana.

⁶ Matos, Alderi Souza de. *O que é IPB?* Portal da Igreja Presbiteriana do Brasil. Disponível em: < http://www.ipb.org.br/quem_somos/historia_ipb_what.php3>. Acesso em: 21 nov. 2006.

⁷ Tais apontamentos demonstravam que a absorção de pecados, através do pagamento de indulgências, e muitas práticas de culto, incentivadas pela igreja católica, eram conflituosas com as Escrituras.

A igreja Romana pregava que para obter a salvação o homem deveria ser submetido a passos e rituais nos quais, além da mediação de Jesus, havia a necessidade da intercessão de muitos santos e a sujeição à penitências. A Reforma propunha ao indivíduo o acesso direto a Deus para a obtenção do perdão de seus pecados e de sua salvação.

Num segundo movimento também no século XVI, eclode na Suíça, mais especificamente na cidade de Zurique uma manifestação que tem à frente outro ex-sacerdote, Ulrico Zuínglio (1484-1531). Chamada de Segunda Reforma ou Reforma Suíça, ela propôs uma ruptura mais profunda com a Igreja Medieval por assinalar que os luteranos julgavam lícito manter práticas que não estavam proibidas de maneira explícita pela Bíblia. Os reformados, como foram nomeados os seguidores deste movimento, partiam de um princípio pelo qual se definia que as práticas de culto se nortegassem rigorosamente pelas ordenanças das Escrituras.

Com a morte de Zuínglio no ano de 1531, um novo líder se destaca dentro do movimento da Reforma, o ex-aluno da Universidade de Paris e adepto da corrente humanista, João Calvino (1509-1564). Calvino revela-se um homem articulado, com notáveis dotes literários, capacidade de organização e grande conhecimento teológico, características que intensificam a abrangência da influência da fé reformada. Os escritos teológicos de João Calvino e sua liderança traçam os contornos básicos do presbiterianismo, tanto no campo teológico quanto no organizacional. Nascido na França é obrigado a sair de Paris devido a forte atuação em defesa de suas convicções. Ele parte para a cidade de Angoulême, na França e a torna palco da produção de sua consagrada obra, *Instituição da Religião Cristã ou Institutas*, publicada na cidade de Basiléia em 1536. No mesmo ano, Calvino dirige-se para a cidade suíça de Genebra, nela se estabelecendo definitivamente em 1541, sendo peça fundamental para a implementação e consolidação do protestantismo reformado nesta cidade. Este tempo foi marcado pela ocorrência de episódios violentos contra pessoas que se posicionavam contrariamente às idéias reformistas de Calvino.

Os estudos teológicos de Calvino e suas idéias acerca de uma igreja reformada se difundiram por muitas regiões da Europa. O movimento conhecido por Calvinismo ganha adeptos na França, nos Países Baixos, no sul da Alemanha (Estrasburgo, Heidelberg), nas Ilhas Britânicas, particularmente a Escócia, na qual o parlamento adotou o presbiterianismo como religião oficial, tendo como introdutor John Knox (1505-1572), que havia sido um discípulo de Calvino em Genebra. Neste momento da história, surge a designação *Igreja Presbiteriana* e o termo *presbiterianismo*. O Calvinismo se expande também pelo leste europeu, surgindo comunidades reformadas em países como Polônia, Lituânia, na ex-

Tchecoslováquia e especialmente Hungria. No entanto, algumas localidades como França e Polônia viram os movimentos de reforma serem fortemente enfraquecidos pela Contra-Reforma Católica (MATTOS, 2006).

É necessário elucidar que para Inglaterra e Escócia, em meados do século XVI e XVII, o presbiterianismo representou não apenas um posicionamento teológico, mas também uma forma de governo. Sendo assim, tanto em suas igrejas como nos parlamentos, o sistema organizacional não consistia na nomeação de bispos e reis (episcopalismo), mas sim na eleição de presbíteros (anciãos) pelas comunidades. Acontece também na Inglaterra, em pleno quadro de uma guerra civil, a convocação pelo parlamento da importante Assembléia de Westminster (1643-1649), na qual foram elaborados os documentos confessionais largamente aceitos pelos presbiterianos em todo mundo.

Devido, sobretudo, a conflitos políticos e religiosos, milhares de calvinistas nos séculos XVII e XVIII começam a migrar para as colônias inglesas da América do Norte, provocando uma difusão geográfica da fé reformada. Em alguns casos foi implantada a teologia calvinista, mas não o eclesiástico presbiterial proposto por Calvino. Exemplos disso são os imigrantes puritanos ingleses que se estabeleceram na Nova Inglaterra.

As colônias norte-americanas receberam também famílias de presbiterianos vindos da Escócia e do norte da Irlanda. Esses últimos foram responsáveis pela criação da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos e pela realização do primeiro concílio em 1706, nomeado de Presbitério de Filadélfia, tendo como líder o reverendo Francis Makemie, considerado o “pai do presbiterianismo norte-americano”. Ocorre a organização do primeiro Sínodo⁸ em 1717 e da Assembléia Geral em 1789, para uma visualização da estrutura organizacional da igreja presbiteriana ver Figura 2.1. que demonstra em ordem decrescente de poder a hierarquia da igreja. Em 1859 dá-se um importante passo para implantação do presbiterianismo no Brasil com a organização da Junta de Missões Estrangeiras da Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos, que envia neste mesmo ano a cidade do Rio de Janeiro o reverendo Ashbel Green Simonton, fundador da Igreja Presbiteriana do Brasil.

⁸ O Sínodo é um tipo de assembléia formada por ministros e presbíteros (líderes eleitos pelas comunidades locais) e integra os concílios superiores da igreja presbiteriana. Sendo a hierarquia da igreja presbiteriana constituída da seguinte maneira: o Conselho, que exerce jurisdição sobre a igreja local; o Presbitério, que exerce jurisdição sobre os ministros e conselhos de determinada região; o *Sínodo*, que exerce jurisdição sobre três ou mais presbitérios; o Supremo Concílio, que exerce jurisdição sobre todos os Concílios.

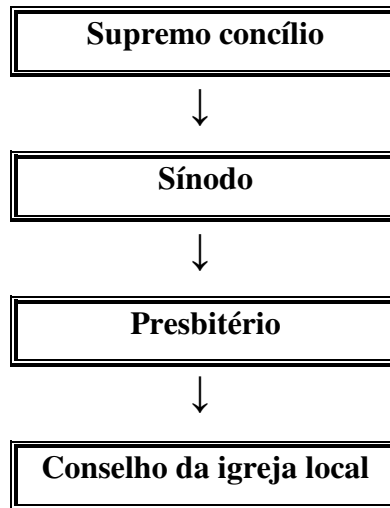


Figura 2.1: Hierarquia da igreja presbiteriana do Brasil

2.3 Um breve relato sobre o presbiterianismo no Brasil

O historiador oficial da Igreja Presbiteriana do Brasil, Alderi Souza de Matos⁹, assinala que no Brasil, desde os primeiros séculos de sua história, há relatos confirmando a presença de pessoas que professavam a fé reformada calvinista. Alguns grupos como a França Antártica (1557-1558) e os holandeses no Nordeste (1630-1654) se destacaram no período colonial, no entanto, não deixaram frutos persistentes da religião reformada no país.

Após a independência do Brasil é anunciada a abertura dos portos a nações amigas e Portugal e Inglaterra firmam o *Tratado de Comércio e Navegação* (1810), o qual concede liberdade religiosa aos imigrantes protestantes, dando início a um tempo de crescente migração de cristãos reformados oriundos de diversas partes do mundo. A partir deste momento, chegam ao país alguns pastores e missionários presbiterianos, mas estes não desenvolveram projetos voltados para a evangelização dos brasileiros. Seus trabalhos consistiam basicamente em dar assistência as igrejas dos países de origem às comunidades de imigrantes reformados que se estabeleceram em solo brasileiro. É o caso do pastor presbiteriano norte-americano reverendo James Cooley Fletcher (1823-1901).

Segundo Matos (2004) partiu das igrejas norte-americanas - Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos da América (PCUSA), ou Igreja do Norte - as iniciativas para a implantação da Igreja Presbiteriana no Brasil. Houve um grande investimento de recursos financeiros,

⁹MATOS, Alderi Souza de. Primórdios do presbiterianismo no Brasil. In: _____ *Os Pioneiros: Presbiterianos do Brasil* (1859-1900). São Paulo: Cultura Cristã, 2004. p.13-19.

além do envio de muitos missionários e pastores para vários lugares do território brasileiro. Um dos passos iniciais da Junta de Missões Estrangeiras, criada pela Igreja do Norte e sediada em Nova York, consistiu na elaboração da Missão do Brasil (Brazil Mission), enviando Ashbel Green Simonton, considerado o pioneiro na implantação e consolidação do presbiterianismo brasileiro. Simonton chega ao Rio de Janeiro, à então capital do Império, no ano de 1859 e nos meses seqüentes outros missionários da mesma missão liderada pela Igreja do Norte também são recebidos no país.

Passados dois anos do estabelecimento de Simonton no Brasil, eclode nos Estados Unidos a Guerra Civil (1861-1865), que implicou na separação do país, ocasionando também uma divisão nas denominações protestantes norte-americanas, entre elas a presbiteriana. Assim surge em 1861 a Igreja Presbiteriana dos Estados Unidos (PCUS) ou Igreja do Sul, que criou posteriormente o Comitê de Missões Estrangeiras (MATOS, 2006).

Após a primeira década de trabalho de Simonton, chegam ao Brasil os primeiros missionários da Igreja do Sul (1869): George Nash Morton, Edward Lane, John Boyle, John Rockwell Smith e reverendo Belmiro de Araújo César, que foram pioneiros responsáveis pela expansão da Igreja Presbiteriana no norte e nordeste brasileiros, enquanto a missão da PCUSA, Igreja do Norte, se consolidava no restante do país.

Matos (2004) relata que na década inicial do estabelecimento dos missionários da Igreja do Norte no país, eles criaram as primeiras instituições presbiterianas brasileiras. Sob a liderança de Simonton e colaboração de muitos missionários, dentre eles Alexander L. Blackfordd, Francis J. C. Schneider, George W. Chamberlin, Emanuel N. Pers, Hugh Wagh Ware Mckee e Robert Lenington, surgem as primeiras igrejas localizadas no Rio de Janeiro (1862), em São Paulo (1865) e em Brotas (SP-1865). É fundado o primeiro jornal evangélico do país *A Imprensa Evangélica* (sucedido mais tarde pelo *O Estandarte*). Além disso, foi organizado o primeiro presbitério brasileiro (pela Igreja do Norte) na cidade do Rio de Janeiro em 1865, onde o ex-sacerdote José Manoel da Conceição foi ordenado o primeiro obreiro nacional. E ainda na cidade do Rio de Janeiro, foram criados no ano de 1867, o primeiro seminário (ativo apenas até o ano de 1870) e a primeira escola paroquial presbiterianos. Essa primeira década de trabalho constitui o período de implantação do presbiterianismo no Brasil (1859-1869).

No decorrer dos anos, com intensivo apoio das duas igrejas norte-americanas mencionadas, são dados importantes passos para afirmação do presbiterianismo no Brasil, dentre os quais se destaca a formação de obreiros e pastores nacionais, que passaram a atuar em diferentes partes do território brasileiro, conquistando novas regiões e criando novas

igrejas. Além disso, foram criados outros dois presbitérios, sendo o de Campinas e do Oeste de Minas (1887) e o de Pernambuco (1888), ambos sob a liderança da Igreja do Sul. Devido à existência desses três presbitérios foi possível a organização do Sínodo da Igreja Presbiteriana do Brasil (1888). Segundo Matos (2004), a organização do Sínodo presbiteriano brasileiro representou a autonomia eclesiástica em relação à jurisdição das igrejas-mães norte-americanas.

Devido à influência das igrejas norte-americanas, que mantinham escolas e colégios sob sua tutela, os presbiterianos fundaram no Brasil escolas nos moldes calvinistas para influenciar o país e as novas gerações com as idéias de uma fé reformada, como por exemplo, a fundação da Escola América em 1870, pelo casal George Chamberlain e Mary Chamberlin. Mais tarde esta escola passa a se chamar Mackenzie College, se tornando depois o Instituto Presbiteriano Mackenzie, que é composto também por outras instituições, como a Universidade Mackenzie, uma destacada instituições privadas de ensino superior do país. Esses eventos marcam o período de consolidação do presbiterianismo brasileiro (1869-1888).

Na década de 1890, nasce um movimento de dissensão no seio da Igreja Presbiteriana do Brasil (IPB). Um dos motivos dessa contenda é a vontade de alguns líderes brasileiros, em especial do reverendo Eduardo Carlos Pereira, então pastor da Igreja Presbiteriana de São Paulo, de tornar a igreja nacional menos dependente dos missionários. Foi questionado o fato dos missionários serem membros dos presbitérios brasileiros e concomitantemente de suas missões norte-americanas (MATOS, 2004). Outro razão para o desentendimento, segundo Matos (2004), refere-se às questões educacionais, pois a junta de Nova York defendia a formação de novos pastores no Mackenzie, além do investimento de recursos financeiros e humanos para uma educação abrangente a toda juventude. Porém, a igreja brasileira defendia a reativação do Seminário, a concentração de recursos em projetos de evangelização direta e especificamente na educação da mocidade presbiteriana. O ponto culminante de tensão, após anos de divergências, foi a oposição do reverendo Eduardo Carlos e seu grupo à maçonaria. Eles desejavam que o Sínodo declarasse incoerência entre o exercício da fé evangélica e o pertencimento a maçonaria, mas outros obreiros defendiam o não posicionamento da igreja em relação a esse assunto, deixando o indivíduo livre para escolher. Na votação final a respeito da decisão da igreja, o reverendo Eduardo Carlos e seus apoiadores perdem e ao mesmo tempo anunciam o afastamento do Sínodo para formar a Igreja Presbiteriana Independente. Esse período é conhecido na história da igreja como dissensão (1888 - 1903) .

A IPB foi abalada por uma grande crise devido aos conflitos e a divisão da igreja, mas passados alguns anos a denominação se recuperou e fortaleceu seu trabalho de consolidação e

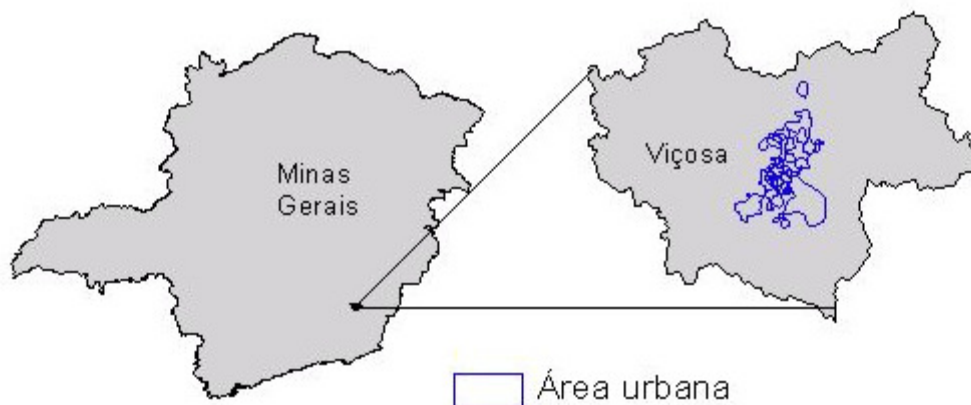
expansão no Brasil. Outros presbitérios foram organizados para melhor atender as igrejas subordinadas, além disso, o Sínodo histórico dividiu-se em Sínodo Meridional e Sínodo Setentrional. No ano de 1910 foi dado um importante passo na organizada eclesiástica da igreja a Assembléia Geral da Igreja Presbiteriana. Essa Assembléia passou a ser denominada de Supremo Concílio com a aprovação de uma Constituição para Igreja Presbiteriana do Brasil em 1937 (Matos, 2004).

Capítulo 3

Composição de um território do sagrado e construção de uma história – a igreja presbiteriana em Viçosa

A implantação da Igreja Presbiteriana em Viçosa se confunde com o desenvolvimento urbano da própria cidade de Viçosa (Figura 3.1), que apresentava em meados da década de 1970 uma população urbana aproximada de 16 mil habitantes¹⁰, poucas de suas ruas eram calçadas e os serviços urbanos eram ainda iniciais (Figura 3.2).

Nesse contexto, iniciasse a constituição da história da igreja e suas articulações com o tecido urbano, aos poucos são constituídos os lugares e os itinerários que irão compor esse “território do sagrado”, que se caracteriza pela apropriação simbólica e pelas territorialidades subjetivas/afetivas (HAESBAERT, 1997).



Base Cartográfica: Labgeo - DPS/UFV
Elaboração: Eliana de Souza, Juliana G. Moreira, 2007.

Figura 3.1: Localização do município de Viçosa no estado de Minas Gerais e delimitação da área urbana da cidade

¹⁰ GUIA VIÇOSA. *A cidade: população*. Disponível em: <http://www.guiavicoso.com.br/acidade/populacao.asp>. Acessado em: 10/12/06.



Figura 3.2: Panorama da cidade de Viçosa na década de 1970
Fonte: Arquivo histórico da Igreja Presbiteriana de Viçosa

Segundo os relatos de Osmar Ribeiros¹¹, um dos pioneiros na formação e consolidação da igreja presbiteriana em Viçosa, a implantação do protestantismo em Viçosa pode ser dividida em três fases. A primeira iniciou-se em meados de 1942, envolvendo a existência de uma pequena Congregação Batista. A segunda deu-se entre os anos de 1956 e 1960, marcada pela atuação de um pequeno grupo de estudantes que vieram estudar na então Universidade Rural do Estado de Minas Gerais - UREMG. E a terceira é caracterizada pela chegada da família do pastor Elben Magalhães Lenz César, no ano de 1960, primeiro pastor presbiteriano a residir em Viçosa. Na verdade, esta última fase representa o marco inicial de um período de grande expansão do presbiterianismo na cidade e de seu braço social no município.

Acerca da primeira fase poucos relatos foram encontrados, tendo apenas como registro a existência de uma senhora, chamada de Dona Mariquinha, que participava da antiga e pequena Congregação Batista ali existente. Os estudantes precursores da fase posterior ao ano 1956 relataram que esta senhora conservou a sala que era usada pela extinta congregação, mantendo seus bancos, púlpito e mesa por mais de quinze anos, alimentando assim a esperança da chegada de um novo grupo protestante para ocupar este espaço.

Quanto à segunda fase, os estudantes que mais participaram foram: Osmar Ribeiro (do estado do Rio de Janeiro), Américo José da Silveira, Daison Olzany Silva, Paulo Afonso Ferreira, Gessy de Souza Neves, os últimos pertencentes ao estado de Minas Gerais (Figura

¹¹ RIBEIRO, Osmar. *Os primórdios da IPV*. Documento pertencente ao acervo histórico da Igreja Presbiteriana de Viçosa, consultado em 08 dez. 2006, impresso, (comunicação pessoal).

3.3). Era comum nas histórias de vida desses jovens a origem evangélica, e aos poucos foram se conhecendo e se constituindo como grupo dentro da universidade. Esse grupo norteou o que viria a ser mais tarde uma das principais características da identidade da futura Igreja Presbiteriana de Viçosa: a junção de pessoas de diferentes denominações e de diversos lugares do país.



Figura 3.3: em ordem os jovens pioneiros da igreja presbiteriana em Viçosa – Gessy de Souza Neves (última fileira à direita), Osmar Ribeiro (primeiro da segunda fila), Paulo Afonso Ferreira (último da segunda fileira), Américo José da Silveira (primeira fileira à esquerda) e Daison Olzany Silva (central na primeira fileira)

Fonte: Arquivo histórico da Igreja Presbiteriana de Viçosa (1960)

Segundo os pioneiros¹² na formação da igreja presbiteriana em Viçosa, as primeiras reuniões aconteceram no ano 1957 em uma sala da universidade, localizada no porão do Departamento de Tecnologia de Alimentos, graças ao apoio do professor e chefe deste departamento, o prof. Becker, um luterano que se juntou ao grupo e demonstrou muito apreço por eles. Outros professores também se mostraram apoiadores e juntaram-se ao grupo, como o prof. Walter Brune, também luterano e a prof.^a Sônia da Silva, de origem metodista. Além desses, uniu-se ao grupo a senhora Maria José Andrade e seus quatro filhos, chamada amigavelmente entre eles de Tia Zezé.

Os pioneiros relatam que desde as primeiras manifestações públicas de sua fé, o grupo de evangélicos encontrou uma resistência por parte da maior parte da população, a qual se declarava adepta do catolicismo. Tal oposição foi capitaneada principalmente pelos líderes

¹² Baseado em entrevista eletrônica com os pioneiros na formação da igreja presbiteriana, sendo eles: Osmar Ribeiro, Daison Olzany Silva, reverendo Elben M. Lenz César, Ieda Lobo da Silveira e Sônia da Silva.

eclesiásticos católicos. No entanto, se forem considerados os fatos históricos e o contexto dos acontecimentos, essa aversão ao protestantismo pode ser mais bem compreendida.

Em primeiro lugar, o surgimento da cidade está intimamente ligado à fé católica, seu primeiro nome foi Santa Rita do Turvo e surgiu devido a uma autorização dada ao padre Francisco José da Silva para a construção de uma capela dedicada a Santa Rita. O povoado cresceu em torno da capela e ao longo de sua história sempre esteve ligada à mesma e a santa de devoção. Outros nomes foram sendo dados ao município até chegar em 1911 ao atual nome Viçosa.

Em segundo lugar, a proximidade da cidade a uma região fortemente marcada pela presença do catolicismo, em especial as cidades históricas de Mariana e Ouro Preto, que sempre se destacaram em Minas Gerais por suas igrejas e obras de arte referentes ao credo católico. As igrejas católicas do município de Viçosa estavam sob a autoridade do arcebispado de Mariana, e seus representantes se mostraram muito opositores ao movimento reformado que começara a se evidenciar na cidade de Viçosa.

Até o final do ano de 1957, o grupo ainda se reunia na sala no porão do Departamento. O jovem Osmar Ribeiro se destacava como líder da pequena congregação, sendo ele na época membro da Igreja Metodista Ortodoxa em sua cidade de origem, Rio de Janeiro. O grupo recebia assistência do pastor Raimundo, também da Igreja Metodista, da cidade de Ponte Nova. Do mesmo modo, já visitava e auxiliava o grupo o pastor presbiteriano Elben Magalhães Lenz César da cidade de Ubá, sendo esses os primeiros contatos com essa congregação que ele viria pastorear alguns anos mais tarde.

De acordo com os relatos de Osmar Ribeiro o grupo ia se consolidando, conquanto se acentuava a resistência local. O líder eclesiástico responsável pela capela localizada dentro campus universitário, pressionou a reitoria para que tomasse providências, decretando a proibição das reuniões na sala do Departamento. Como o capelão tinha o apoio do arcebispo de Mariana, homem religioso muito influente na região, o reitor da universidade executou o pedido e o prof. Becker foi obrigado a acatar as determinações.

A partir então, no ano de 1959, as reuniões começaram a ser realizadas na sala alugada de Dona Mariquinha na Rua Benjamim Araújo (Figura 3.4). E outras pessoas protestantes chegaram a Viçosa, com isso, o grupo de congregados cresceu embora ainda se mantivesse intensas reações de oposição por parte da comunidade católica da cidade.



Figura 3.4: Salão Alugado na Rua Benjamim Araújo
Fonte: Arquivo histórico da Igreja Presbiteriana de Viçosa (1959)

Segundo o reverendo Elben César o grupo era formado por presbiterianos, metodistas, batistas, membros da Casa de Oração entre outros, mas em sua maioria se constituía de presbiterianos. Por esse motivo, o templo que antes era nomeado de *Templo Evangélico* foi instituído como Congregação Presbiteriana no ano de 1959, através do Presbitério de Campos no Rio de Janeiro.

Foram relatados pelos membros pioneiros da congregação presbiteriana, episódios como a queda de energia durante a realização de um culto na praça, sendo a energia restaurada longo após o termino do evento. Em outro culto público os jovens dirigentes foram apedrejados, todavia, sem danos maiores a saúde dos mesmos. Em um terceiro evento, crianças ficaram estourando bombinhas enquanto o culto era realizado. O grupo também foi sujeitado a vaias e lama, além de terem os folhetos que distribuía rasgados e alguns pneus de seus carros esvaziados.

Mesmo diante das dificuldades, a congregação continuava com os projetos de evangelização e organização da futura igreja presbiteriana (Figura 3.5), o que pode ser considerado as primeiras ações no sentido de estabelecer relações de apropriação no espaço da cidade, sugerindo os traços iniciais da constituição de uma territorialidade do grupo.



Figura 3.5: Grupo atuante no início da organização da igreja presbiteriana em Viçosa

Fonte: Arquivo histórico da Igreja Presbiteriana de Viçosa (1959)

No ano seguinte, em 1960, inicia-se o à terceira fase do protestantismo em Viçosa. Em fevereiro desse ano, o pastor presbiteriano Elben M. Lenz César estabelece residência com sua família (Figuras 3.6), com a incumbência de pastorear por tempo integral a congregação. O pastor relatou em entrevista¹³ o fato de ter alugado a casa na qual iria morar com sua família meses antes de sua vinda definitiva, se assim não fosse, não teria conseguido alugá-la. Pois o proprietário requereu o imóvel com urgência e pediu que a desocupasse, devido aos pedidos do padre responsável pela igreja matriz da cidade. Por esse motivo, eles mudam para outra casa pouco tempo depois.



Figura 3.6: Pastor Elben César e família em 1960, ano em que chegam a Viçosa

Fonte: Arquivo histórico da Igreja Presbiteriana de Viçosa

¹³ Esta entrevista encontra-se em gravação eletrônica nos arquivos da Igreja.

Neste mesmo ano, o grupo dá início a construção do primeiro templo presbiteriano da cidade em um terreno comprado na Avenida Bueno Brandão, no centro da cidade de Viçosa (Figura 3.7). No início das obras, o dinheiro em caixa somava pouco mais de um por cento do valor estimado, mas o recebimento de doações possibilitou o andamento da construção. Todas as pessoas¹⁴ que trabalharam na construção eram voluntárias, sendo em grande parte os estudantes da universidade, que para dar continuidade às obras, passaram o mês de férias em Viçosa. As obras terminaram (Figuras 3.8), e a inauguração do primeiro templo ocorreu no dia nove de outubro de 1960 (Figura 3.9), sendo essa a primeira igreja evangélica de Viçosa. Este templo tem um grande significado para o grupo, pois foi o primeiro lugar conquistado e o primeiro espaço físico que realmente pertencia a eles, além de ser construído por eles. Foi consolidada como a primeira materialização espacial da comunidade religiosa e com ela, o início da manifestação de sua identidade territorial no arranjo urbano.



Figura 3.7 : Início da construção do primeiro templo

Fonte: Arquivo histórico da Igreja Presbiteriana de Viçosa (1960)

¹⁴ Sendo eles: Américo, Daison, Hamilton, Iwao, Osmar, Paulo Afonso e Raimundo, além dos pastores Elben César e Éber César)



Figura 3.8: Término da construção do primeiro templo
Fonte: Arquivo histórico da Igreja Presbiteriana de Viçosa (1960)



Figura 3.9: Inauguração do primeiro templo, em outubro de 1960
Fonte: Arquivo histórico da Igreja Presbiteriana de Viçosa

Ainda no ano de 1960, inicia-se dois tipos de programações promovidas pela congregação: a primeira é a festa de recepção dos estudantes recém-chegados na universidade, chamados na cidade de calouros e a segunda, a realização do primeiro culto (não oficial) em Ação de Graças na formatura de alunos da UREMG. Esses fatos acentuam outra característica da comunidade que se manifesta desde os primórdios de sua formação: a valorização do ministério de recepção e orientação dos estudantes que chegam na cidade. Essa vocação fica mais explícita com a compra do terreno para a construção do segundo templo na Avenida P.H. Rolfs, às portas da universidade, no ano de 1971.

Em 1963 é inaugurada a casa pastoral e acontecem os primeiros programas radiofônicos dirigidos pelo reverendo Elben César. Juntamente com os trabalhos

evangelísticos e de recepção dos estudantes, esses programas de rádio fortalecem a constituição de um território de influência que a comunidade aos poucos vai consolidando. Ocorre no dia 12 de agosto de 1965, a organização da Congregação Presbiteriana em Igreja (Figura 3.10), o grupo torna-se independente da igreja mãe, sendo essa a Igreja Presbiteriana de Campos no Rio de Janeiro. A partir daí suas despesas e estudos teológicos passam de responsabilidade do grupo local, surgindo assim a primeira Igreja Presbiteriana de Viçosa, a IPV.



Figura 3.10: Organização da congregação em igreja em agosto de 1965
Fonte: Arquivo histórico da Igreja Presbiteriana de Viçosa

Apesar da ocorrência de muitos atos de oposição ao grupo, de acordo com os relatos do grupo pioneiro da comunidade, aos poucos a igreja se projeta em determinados lugares da cidade e seus trabalhos começam a penetrar nas casas, através de programas radiofônicos e na universidade, por meio dos professores e alunos membros da igreja, com a realização de trabalhos musicais e palestras de profissionais a convite do grupo presbiteriano. A Igreja amplia sua territorialidade, fato que é notado com a transferência do jornal evangélico *Ultimato* para a cidade de Viçosa, em janeiro do ano de 1971.

Este jornal em pouco tempo o jornal ganha “status” de revista, crescendo e alcançando âmbito nacional entre as publicações evangélicas. As relações culturais, em particular as idéias teológicas difundidas pela comunidade presbiteriana de Viçosa, se expandem para além dos limites da cidade, estabelecendo “territorialidades descontínuas”¹⁵ entre pessoas evangélicas de outras cidades por meio dos exemplares da revista.

¹⁵ O geógrafo Marcelo Lopes de Souza (1995) faz uma discussão sobre a formação de *territórios descontínuos* ou *territórios-redes*, argumentando que na verdade esse tipo de território seria “*uma rede a articular dois ou mais territórios contínuos*”. Esta reflexão sugere a idéia de ‘territorialidades descontínuas’ que pode caracterizar

Devido à necessidade de reverendo Elben César em se dedicar mais a edição da revista *Ultimato*, outros pastores o sucedem na Igreja: Paulo Dellage (1980 a 1981), Elsson Moraes (1981 a 1986), Alceu Cunha (1986 a 1988), Cláudio Marra (1989 a 1992) e Jony Almeida, que inicialmente atuou como obreiro, e em 1996 foi ordenado na própria igreja, assumindo o pastorado.

No ano de 2000, o trabalho pastoral é dividido com o então obreiro Sebastião Pereira Ferreira Júnior que também foi ordenado na IPV. Em 2005, Jony Almeida volta a ser o único pastor responsável pela comunidade presbiteriana, situação que se perpetua até os dias atuais.

Também no ano de 1971, a igreja efetua a compra de um terreno na Avenida P. H. Rolfs para a construção de seu segundo templo (Figuras 3.11 e 3.12). A igreja fica mais próxima ao campus da Universidade Federal de Viçosa (nome oficializado no ano 1969) e intensifica seu trabalho de evangelização dos estudantes. As obras se iniciam em 1975 e mais uma vez têm à frente a família do reverendo Elben César, os fundadores da igreja, grupos de estudantes universitários de diferentes épocas, e além desses, também trabalham na obra estudantes do colégio de aplicação da UFV (Coluni), serventes contratados e outros membros da Igreja (Figuras 3.13 e 3.14 e Apêndice C Figura C.1 a C.11). Na época em que a compra foi efetuada, pessoas externas ao grupo, consideraram uma insensatez a aquisição do terreno, pelo fato de ser um terreno muito desnivelado em relação à rua principal, como pode ser notado nas Figuras 3.11 e 3.12. Porém, para os líderes da igreja, principalmente para o reverendo Elben César, o local se mostrava muito promissor para o propósito que tinham em mente, isto é, a evangelização dos estudantes e a expansão da evangelização pela cidade. Anos mais tarde, confirma-se a localização estratégica do templo no tecido urbano para o propósito da comunidade presbiteriana de evangelização e acolhimento dos universitários, além de se tornar uma área muito valorizada pelo capital imobiliário.



Figura 3.11: Terreno comprado na Avenida P.H. Rolfs para construção do 2º templo
Fonte: Arquivo histórico da Igreja Presbiteriana de Viçosa (1971)

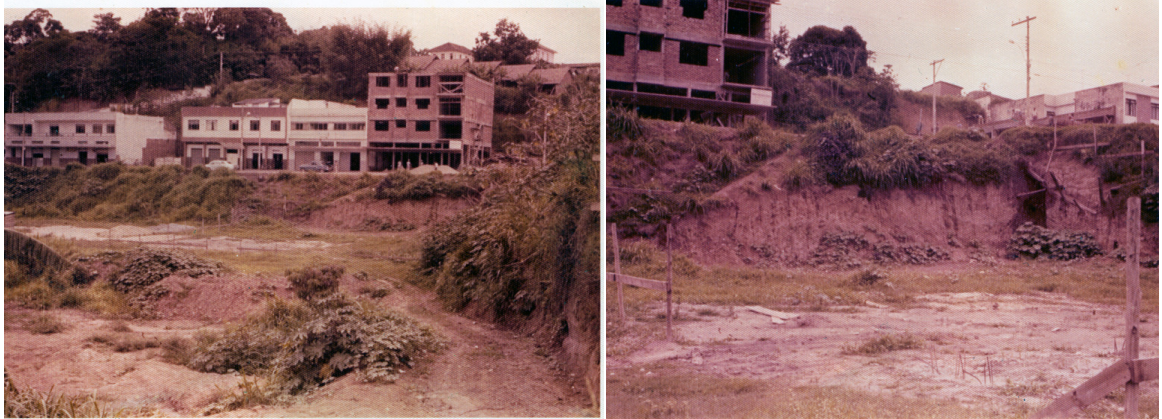
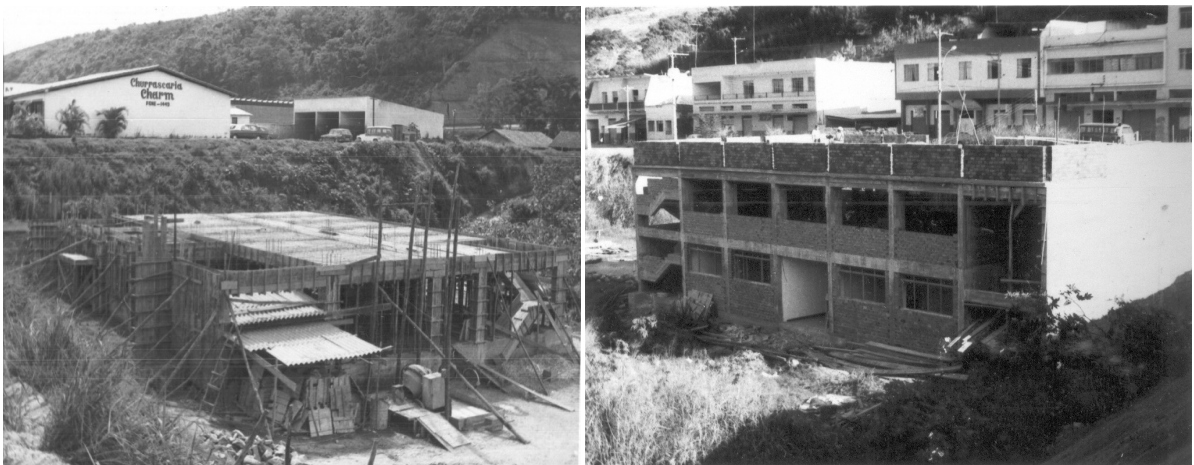


Figura 3.12 : Terreno comprado na Avenida P.H. Rolfs para construção do 2º templo
Fonte: Arquivo histórico da Igreja Presbiteriana de Viçosa (1971)



Figuras 3.13: Início das obras de construção do 2º templo
Fonte: Arquivo histórico da Igreja Presbiteriana de Viçosa (1975)



Figura 3.14: Multirão para construção do 2º templo, entres eles a família do Reverendo Elben César, estudantes da UFV e do Coluni-UFV, serventes contratados e outros membros da Igreja

Fonte: Arquivo histórico da Igreja Presbiteriana de Viçosa (1975)

No de 1976 a igreja já ocupa o novo templo, embora ainda inacabado (Apêndice C Figuras C.12 e C.14). Sempre com a presença de estudantes e de outros membros da igreja, a obra é finalizada. Dois anos depois, no dia 11 de novembro de 1978 é inaugurado o novo templo (Figuras 3.15 e 3.16). Ao final desta década, a igreja passa a ser constituída por um número maior de membros, deixando de ser uma pequena igreja para se tornar uma igreja média. Os estudantes são agora o dobro e o ministério de jovens já se destaca como uns dos maiores dentro da igreja. Cada vez ganha mais ênfase os trabalhos de recepção de estudantes recém chegados à cidade, sendo realizadas programações como: café da manhã no dia dos exames de seleção para ingresso da Universidade Federal de Viçosa - UFV e do Colégio de Aplicação também federal - COLUNI, recepção dos alunos ingressantes e de suas famílias no dia da realização da matrícula da UFV e do COLUNI e uma festa de recepção nos primeiros dias de aula, além do apoio de grupos de evangelização universitária como a Aliança Bíblica Universitária - ABU.



Figura 3.15: Inauguração do novo templo

Fonte: Arquivo histórico da Igreja Presbiteriana de Viçosa (nov. 1978)



Figuras 3.16: Inauguração do novo templo-foto convite

Fonte: Arquivo histórico da Igreja Presbiteriana de Viçosa (nov. 1978)

A década de 80 pode ser considerada como um período de crescimento da igreja e, neste sentido, da expansão de sua territorialidade. São muitos os projetos e eles não se reduzem somente à evangelização, mas também a trabalhos de assistência social, como é o caso da Ação Social Evangélica em Viçosa – REBUSCA, organizada em 1981. Uma sociedade filantrópica que começou desenvolvendo trabalhos de assistência às crianças, ampliando ao longo do tempo as categorias de pessoas assistidas. Os programas desenvolvidos pela entidade estão divididos em varias modalidades de atendimento como: o *Centro Educacional Infantil*: proporcionando uma creche, onde crianças de 2 a 5 anos são atendidas de 8 às 17 horas, enquanto suas mães e/ou responsáveis que trabalham fora; o

Centro Estudantil: que assiste às crianças de 6 a 10 anos, de 8 às 12 horas, período em que não estão na escola regular, estimulando o desenvolvimento e o crescimento das crianças através de atividades sócio-culturais e apoio escolar; *Mais Que Vencedores (MQV)*: que consiste num programa de apoio aos adolescentes, cujo o objetivo é promover seu desenvolvimento com segurança, estimulando a cidadania e a autonomia; o *Clube da Família*: um programa destinado às famílias das crianças atendidas, que tem o intuito de promover atividades que visam o crescimento pessoal, um melhor relacionamento mútuo e com Deus.

Atualmente a REBUSCA atende a 330 crianças e 190 famílias, atuando em âmbito municipal. É apoiada por outras igrejas evangélicas, tendo uma de suas sedes na Primeira Igreja Batista de Viçosa e outra no bairro Nova Viçosa e Posses. O trabalho consiste em uma ação conjunta da Comunidade Evangélica Viçosense. No entanto, a criação e a responsabilidade maior do projeto sempre foram da Igreja Presbiteriana de Viçosa. A REBUSCA se destaca como uma instituição de importância social no município, constituindo-se num fator importante de projeção no território, que se consubstancia na interação igreja-cidade, universo no qual as ações promovidas pela comunidade presbiteriana participam do processo mais geral de produção do espaço urbano, uma vez que respondem pela criação de formas urbanas, infra-estruturas e relações sociais correlatas (Figura 3.17).



Figura 3.17: Desfile das crianças atendidas pela Rebusca nas comemorações do aniversário da cidade de Viçosa

Fonte: Arquivo histórico da Igreja Presbiteriana de Viçosa (2002)